

O Programa de Pós-Graduação em Memória Social, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio, vem a público manifestar sua tristeza com a destruição do prédio histórico que abriga o Museu Nacional brasileiro e de quase a totalidade de seu acervo composto por coleções científicas para estudo e pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento.

Há mais de 30 anos, a Unirio vem dedicando esforços para compreender os sentidos e os significados da memória social para a humanidade, dedicando a esse tema um programa de pós-graduação que já formou centenas de mestres e doutores, com dissertações e teses disponíveis para leitura em ambiente online para os interessados, principalmente àqueles que pesquisam sobre os lugares de memória majoritariamente Arquivos, Bibliotecas e Museus (Nora & Namer).

A destruição (por agentes ambientais naturais, mas também políticos) de coleções e prédios que abrigam nossa história e nossa cultura não é recente. Quantas bibliotecas desapareceram pelo fogo, vandalismo religioso e descaso de governos para com o tema da vida em que a memória funciona como trajeto do passado ao presente, como prolongamento contínuo ou, segundo Bergson, como 'duração'. O desaparecimento de objetos que nos ajudam a compreender o passado é irreversível, constituindo perda irreparável apenas substituída por lembranças efêmeras.

Unimo-nos à sociedade brasileira e internacional que tenta reduzir os prejuízos causados pela destruição de um dos museus mais importantes do mundo. Agimos com pequenas, mas importantes ações, a exemplo do Sistema de Bibliotecas da Unirio que, aliado ao Sistema de Bibliotecas da UFRJ, disponibiliza virtualmente os meta-dados das coleções destruídas pelo fogo, visando incrementar um programa de doações voluntárias aberto ao público.

O incêndio no Museu Nacional não atingiu apenas a materialidade dos objetos ali reunidos, mas comprometeu anos de pesquisas interdisciplinares desenvolvidas em seus laboratórios acadêmicos. Reconstruir o Museu Nacional não o trará de volta do mesmo modo como existiu até 2 de setembro de 2018. Lembrando o paradoxo de Teseu e a reconstrução de seu navio, qualquer restauração, ainda que possível, representará um novo museu.

Um prédio novo para o museu com instalações dignas e condizentes com o estágio tecnológico em que nos encontramos, com scanners, impressoras 3D, laboratórios de conservação, sistemas de prevenção de incêndios de última geração, espaços culturais para abrigar eventos científicos e culturais é a nossa sugestão. O que restou do prédio após o fogo é 'ruína' e deve ser mantida como ruína pois, assim, passa a representar um marco de indignação e protesto.